

G5 Partners

CARTA SEMANAL

—
O Canário
da Mina 131

14 DE NOVEMBRO DE 2025

A violência e a economia

18
anos

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.



A violência e a economia

Na edição da semana passada de “O Canário da Mina” (OCM), uma de nossas “retas paralelas” era o impacto que a operação policial no Rio de Janeiro poderia ter sobre a corrida eleitoral de 2026. Entretanto, os dados para fazer essa análise ainda eram preliminares e/ou regionais, o que comprometia um pouco sua consistência. Pois bem, nesta semana foram divulgadas duas pesquisas Genial/Quaest – uma sobre a popularidade do presidente Lula e outra sobre os cenários para a eleição do ano que vem –, e agora temos dados para embasar melhor nossa análise. Além disso, queremos dar um passo adiante e tentar mensurar o custo da violência para o crescimento do país, a fim de juntar outros dois assuntos paralelos – violência e economia – que têm mais pontos de intercessão do que acreditamos.

Para fazer essa ligação entre violência e economia, vamos usar dados do estudo “The Costs of Crime and Violence – Expansion and Update of Estimates for Latin America and The Caribbean”, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2025, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Monitor de Homicídio do Instituto Igarapé.

O custo do crime¹ – e aqui estamos pensando em uma dimensão muito maior que este se restringindo apenas aos homicídios – está relacionado não apenas à sua ocorrência, mas também à sua antecipação (medidas preventivas, medidas comportamentais, mudanças de comportamento e medo de ser uma vítima) e resposta (recursos para reparar danos e punição dos responsáveis). Os custos diretos podem ser divididos em três partes: i) capital humano; ii) setor público; iii) setor privado.

No primeiro caso, o crime reduz o “capital humano” de uma economia devido às mortes associadas a essa violência, à perda de capacidade produtiva das vítimas de crimes não letais e à perda de capacidade produtiva daqueles encarcerados por cometerem crimes. Começando pelo primeiro fator, na verdade, temos um eufemismo para falar de homicídio; e, para quantificar uniformemente essa forma de violência, a métrica mais usada é a relação “número de homicídios por 100.000 habitantes”. No Brasil, a estimativa desse valor para 2024, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2025, é de 20,8 por 100.000, o que nos coloca em terceiro lugar entre os países mais violentos da América do Sul e em nono lugar na América Latina e no Caribe (LAC, na sigla em inglês), a região mais violenta do mundo. Como reflexo desses números expressivos, o BID calcula que os homicídios custam ao Brasil 0,56% do PIB por ano. Já no caso da “perda de capacidade produtiva das vítimas de crimes não letais”², os 74.810 estupros e os 1.582.059 roubos e furtos de 2024 dão uma dimensão do problema. Mas, como aqui estamos lidando com os danos colaterais da violência, a perda em termos do PIB é de apenas 0,03%. Por fim, chegamos à “perda de capacidade produtiva daqueles encarcerados por cometerem crimes”. Nas prisões brasileiras, havia 909.594 presos no ano passado, o que nos coloca em terceiro lugar no ranking mundial de detentos, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. Dados tão superlativos no número de encarcerados se refletem na perda de 0,41% do PIB, com

¹ Quando mensurarmos o custo do crime, será como um valor monetário do PIB, ou um percentual do PIB, mas isso não significa que o PIB seria esse percentual maior se não houvesse crime; a ideia é que a sociedade teria esse percentual à disposição para outros usos.

² No estudo do BID são considerados apenas assaltos, furtos e molestações sexuais, de modo que o próprio estudo considera os resultados subestimados.

a supressão da capacidade produtiva desses presos. Segundo o mesmo estudo do BID, apenas o Panamá e El Salvador tinham números piores, na região da América Latina e do Caribe. Portanto, juntando os três custos diretos, o BID conclui que, somente com o “capital humano”, a violência faz o Brasil perder 1,00% do PIB.

Vamos agora para o custo do crime no “setor público”, que também pode ser dividido em três partes: i) força policial; ii) custo da justiça; iii) administração penitenciária.

Em seu estudo, o BID mostra três formas diferentes para se calcular o custo da “força policial”. Para fins de simplificação, vamos usar o que o banco denomina “limite superior”, que representa todos os gastos públicos com policiamento; no Brasil, ele chega a 0,56% do PIB. Indo para a parte do “custo da justiça”, a ideia do estudo é identificar quanto de recursos, em termos de financiamento do aparato judicial, seria liberado caso não houvesse crimes e violência no país; por aqui, esse “custo da justiça” é de 0,21% do PIB. Interessante notar que, apesar de levar em conta o nível de criminalidade do país, o cálculo é mais complexo do que simplesmente fazer uma relação direta com o número de homicídio, já que a justiça também julga crimes não violentos, como estelionato. Um exemplo disso é que a Argentina, cujo número de homicídios por 100.000 é quatro vezes menor do que o do Brasil (5,2 contra 20,8), tem um “custo da justiça” de 0,27% do PIB – ou seja, acima do brasileiro. Por fim, temos o custo da “administração penitenciária”, que acaba refletindo o quanto do orçamento público é direcionado para o custeio do sistema prisional. E o número do Brasil é alarmante. Apesar de termos a terceira maior população carcerária do mundo, como supracitado, ela custa apenas 0,08% do PIB. Mas, a despeito dessa consideração, ao somarmos todos os custos para o “setor público”, vemos que o crime custa 0,85% do PIB.

Por fim, chegamos à última parte do custo do crime para a economia brasileira, aquele que recai sobre o “setor privado”. Nesse caso, a pergunta que o estudo tenta responder é: qual é o valor que o setor privado aloca na prevenção, no controle e na resposta ao crime e à violência?

Mas, antes de entrar diretamente na resposta, o BID faz uma ressalva importante a respeito da estimativa desse custo. Proteções de patrimônio com alarmes não entram no cômputo, por dificuldade de mensuração entre os países. Além disso, as pessoas e firmas mudam seu comportamento devido à violência, o que também configuraria um custo para a economia. Entretanto, tendo em vista que esse tipo de custo entra em questões intangíveis e fica difícil fazer uma uniformização entre os países, ele também não é incluído nos cálculos. Feitas essas ressalvas, o BID chega a um custo médio de 1,67% do PIB para o “setor privado” brasileiro.

Portanto, juntando todos os custos vistos acima, o BID conclui que o crime e a violência retiram 3,52% do PIB, um pouco abaixo dos 3,67% do PIB apurados para a média dos países da LAC³. Contudo, apesar dessa diferença no agregado, notamos que isso se deve ao fato de o custo do “setor público” no Brasil (0,85% do PIB) ser bem menor

do que nos países da LAC (1,33% do PIB). Tanto no caso do “capital humano” (1,00% do PIB no Brasil e 0,75% na média dos países da LAC) quanto no do “setor privado” (1,67% do PIB no Brasil e 1,60% na média dos países da LAC), o custo do Brasil é maior do que o da média dos demais países da LAC, o que indica que o governo dá menos atenção à segurança pública – sistema prisional incluído – do que o resto da LAC. E, considerando o resultado da pesquisa Genial/Quaest divulgada na última quarta-feira (12/11), esse problema pode cair no “colo” do presidente Lula, mesmo que o descaso com esse assunto seja uma construção feita a várias mãos.

A pesquisa mostra claramente como esse risco aumentou após a operação policial no Rio de Janeiro. Por exemplo, para 38% dos entrevistados, a ‘Violência’ é a maior preocupação – eram 30% na pesquisa de outubro – contra 15% que citaram a ‘Economia’, segundo assunto mais lembrado. Para piorar, as recentes declarações de Lula – como que “os traficantes são vítimas dos usuários de drogas” ou que “a operação policial no Rio de Janeiro foi um desastre, uma matança” – são amplamente rechaçadas pelos entrevistados. No primeiro caso, nada menos que 81% deles disseram que discordam do presidente – inclusive 66% dos identificados como “Lulistas” e 78% dos identificados como “Esquerda não lulista”. Além disso, 51% disseram que essa frase infeliz foi “Uma opinião sincera dele”. Já no segundo caso, 57% discordaram de Lula; inclusive, para 67% dos entrevistados, a polícia não exagerou na utilização da força. Tendo em vista a pesquisa feita no Rio de Janeiro após a operação, esses resultados já eram esperados; por isso, o que realmente surpreendeu foi a aprovação do presidente ter tido uma queda apenas marginal, passando de 48% para 47% – dentro da margem de erro. Talvez uma boa explicação para isso seja a melhor avaliação dos entrevistados com relação aos preços dos alimentos. Para 58%, eles subiram no último mês. Pode parecer um resultado ruim, mas representou uma queda de 5 p.p. com relação ao nível de outubro e foi o menor patamar desde dezembro de 2023.

No entanto, se o custo político para Lula da combinação do aumento da preocupação da população com o tema “violência”, com suas frases desastradas, pareceu pequeno em termos de piora de sua aprovação, o mesmo não se pode dizer do cenário eleitoral. Segundo a pesquisa Genial/Quest, o percentual de entrevistados que disseram que Lula não deveria se candidatar à reeleição subiu de 56% para 59%. Além disso, o presidente perdeu terreno em todos os cenários de segundo turno. Destaque para os governadores de São Paulo, Tarcísio de Freitas, e do Paraná, Ratinho Júnior, que reduziram a distância, de 12 p.p. e 13 p.p., respectivamente, para 5 p.p. em ambos os casos. A má notícia para Tarcísio é que aumentou, de 18% para 26%, o percentual de entrevistados que afirmaram que Jair Bolsonaro deveria manter sua candidatura, um resultado que pode fazer o ex-presidente resistir mais em indicar o governador de São Paulo como seu candidato à presidência.

A conclusão deste OCM é que a violência custa muito ao Brasil – e não apenas através das tragédias diárias, mas também em perda de recursos que poderiam ser direcionados para outros fins capazes de aumentar o bem-estar da população. A operação policial no Rio de Janeiro apenas serviu para escancarar os males que a violência traz para o dia a dia dos brasileiros, e as pesquisas de opinião refletiram esse despertar. O candidato que souber direcionar

esse anseio da população vai sair na frente na corrida eleitoral, e a má notícia para o presidente Lula é que ele ainda está patinando nesse tema.

Frase da Semana

“Uma comissão consiste em uma reunião de pessoas importantes que, sozinhas não podem fazer nada, mas que juntas decidem que nada pode ser feito.”

Fred Allen

G5 Partners	2023	2024	2025	2026
IPCA (%)	4,62	4,83	4,50	4,30
SELIC F.P (%)	11,75	12,25	15,00	12,50
USDBRL	4,86	6,18	5,50	5,50
PIB (%)	2,90	3,40	2,20	2,10